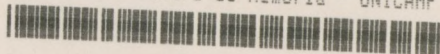


Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030286

Desde o lançamento da "Aurora Campineira" a 4 de Abril de 1858, assinalam os fastos do periodismo local os inúmeros jornais que aqui tentaram vida e sobrevivência.

A crônica da nossa imprensa é itinerário de esforços, entusiasmos, triunfos e frustrações.

No longo caminho de quase um século, companheiros impertérritos cumpriram a áspera missão de zelar pelo bem comum, conduzidos sempre pelo mesmo ideal que levaria Alvaro Ribeiro a fundar, em 1927, o "Correio Popular."

A história desta folha não precisa ser revivida. Dela participaram minuto a minuto, dia a dia, ano a ano, os campineiros de todas as classes sociais, que nos concederam os decisivos contingentes do estímulo e da solidariedade.

Vencemos e a vitória é menos nossa do que de Campinas, onde o clima é sempre propício aos embates travados sob o signo da causa pública.

No momento em que este jornal adquire nova feição gráfica inaugurando outro ciclo de sua existência, o nosso pensamento volta-se aos dias antigos, de tantas dificuldades desconhecidas e insuspeitadas.

Queremos glorificar os lutadores que deram à cidade, sob outros tetos, a contribuição do trabalho anônimo, no fundo das oficinas, ou que colocaram, nas bancas da redação, a cultura, a fé e a inteligência a serviço de uma coletividade sempre credora dos maiores devotamentos. Lições e exemplos vêm do passado. O futuro, esse não nos amedronta.

Campinas, graças ao admirável espírito do seu povo, vale por antecipada certeza de triunfo de um labor que se alimenta das aspirações e esperanças de uma cidade grande, bela e generosa.

AURORA CAMPINEIRA.

<p>ASSIGNATURAS</p> <p style="text-align: center;">Campinas.</p> <p>Por anno... 10\$000</p> <p>Por semestre 6\$000</p>	<p>Publica-se uma vez na semana, subscreve-se na Typ. Campineira, Rua do Portico n. 17</p> <p>As assignaturas serão pagas adiantadas. recebem-se correspondencias em termos comedidos, e com a competente responsabilidade e reconhecimento do tabelião, porque por seu conteúdo não responde a redacção, nem os editores; nas noticias e communicações, é essencial a assignatura do informante, só para conhecimento da redacção.</p> <p style="text-align: center;">Folha avulsa 240.</p>	<p>ASSIGNATURAS</p> <p style="text-align: center;">Fera fóra.</p> <p>Por anno... 12\$000</p> <p>Por semestre 7\$000</p>
---	--	--

ANNO I CAMPINAS. — SABBADO 13 DE AGOSTO DE 1858. N. 63

A QUESTÃO BANCARIA.

Haverá um anno um homem emprestou a outro cem moedas de 20\$000 ou 2 contos de reis pelo prazo de 12 mezas ao premio de 1 por 0,0 ao mez.

Findo o prazo, o devedor foi pontualmente pagar a dous contos, e mais duzentos e quarenta mil reis que são o premio; pagou na mesma moeda, mas em vez de dar 112 moedas, deu somente 99 e mais uns 12\$500; nem as 100 que tinha recebido?

—Mas por que? Porque o ouro tinha um premio: uma moeda de 20\$ valia 22\$500.

—Mas quer dizer que, ha um anno, quem possuia 20 contos em papel, possuia 20 contos em ouro, e que agora só possui 17:500\$000 em ouro, e que a sua fortuna mingou 2:500\$000, por que, enfim, o papel só vale o ouro que deu por elle.

Quer dizer tambem que o capitalista se tivesse tido maior prevalencia, em vez de emprestar seu ouro, o teria guardado em seu cofre, por que ao meo assim não teria perdido, nem corrido o risco do empréstimo.

—Isso quer dizer que, se se proverem as cousas, ha de ter convindo aos capitalistas trocar seu papel por ouro em quanto as duas especies estavão ao par e guardar este em vez de empresta-lo.

Quer dizer que muitos especuladores previdentes haviam de assim ter feito, donde o desaparecimento repentino do ouro da circulação.

Quer dizer, enfim, que, assim como o prestador das 100 moedas, todos os capitalistas que nao guardarão o ouro, perderão no papel os 12 1/2 por 0,0 de sua fortuna.

—E quem seria o magico, que sem arrombar portas e gavetas, sem correr os azas do ladrão, pôde retirar a metade de uma parte da sua fortuna?

—O agiota, o especulador dos bancos.

Ainda bem, se com a espoliação do capitalista se nivelassem as fortunas, e todos ficassem igualmente ricos; mas, pelo contrario, o homem que vive dia por dia do seu trabalho tambem perde, por que paga tudo em ouro, ou da o equivalente em maior somma do papel, em quanto o seu jornal em papel não augmenta. Por isso dá um cruzado pela chita e pelo algodão que eustavão outrora uma pataca. Se d'antes vivia na estreiteza, agora, que tudo encareceu, vive na necessidade.

O unico que lucra é o agiota, que, tendo pouco ou nada de seu, fica milionario ganhando neste jogo do credito publico. Os 12 1/2 por 0,0 de fortuna publica passa para a sua gaveta, e para a dos bancos, roteiros e dos caloteiros. Entre alguns são elles distribuidos, mais entre seus legitimos donos.

—Mas, por que arte os especuladores dos bancos chegam a este resultado de espoliação universal no Brazil?

Elles disserão: nos temos açoes d'estradas de ferro, do Banco do Brazil, e de outras companhias; temos terras; tudo isto é ouro, por que ouro vale. Fazamos um banco com estes fundos, emitimos o papel representando estes valores, e emitimos o triplo delles. De um, que temos, fazamos tres. Ganhamos os dividendos do Banco do Brazil e das estradas de ferro, equivalentes a um, e ganharemos tambem o dividendo do banco onde depositamos estes valores, ganho equivalente a dous. E os que tem terras ganharão um roteando ellas, e ganharão dous que é o premio do dinheiro recebido para hypoteca dellas.

Se faltava dizer: com o papel do banco que fundamos, fazamos um fundo para criação de outro banco, que emitta o triplo do seu deposito, e assim multiplicaremos estes valores quantas vezes nos aprouver, e com elles crescerá immensamente a fortuna publica sem que a terra produza uma só libra de café, de assucar, de algodão, ou de fumo mais que o accostumado...